

# Índios fazem refém para retomar terras

Para polícia de Brasília, assassinato de pataxó foi planejado

Roberto Stuckert Filho



ARMADOS COM BORDUNAS, índios pataxós arrombam com o pé a porta de uma casa construída por fazendeiros dentro de sua reserva, no Sul da Bahia

● Os índios pataxós perderam a paciência com a lentidão da Justiça, tomaram como refém o presidente da Funai, Júlio Geiger, que visitava a aldeia, e invadiram ontem cinco fazendas instaladas dentro de suas reservas, no Sul da Bahia. Em dezembro do ano passado, uma decisão do Tribunal Regional Federal garantiu a posse da área aos índios, mas eles continuavam sem as terras. O presidente da Funai — que curiosamente levava para a aldeia o livro “Notícias de um seqüestro”, de Garcia Marquez — foi usado como trunfo pelos pa-

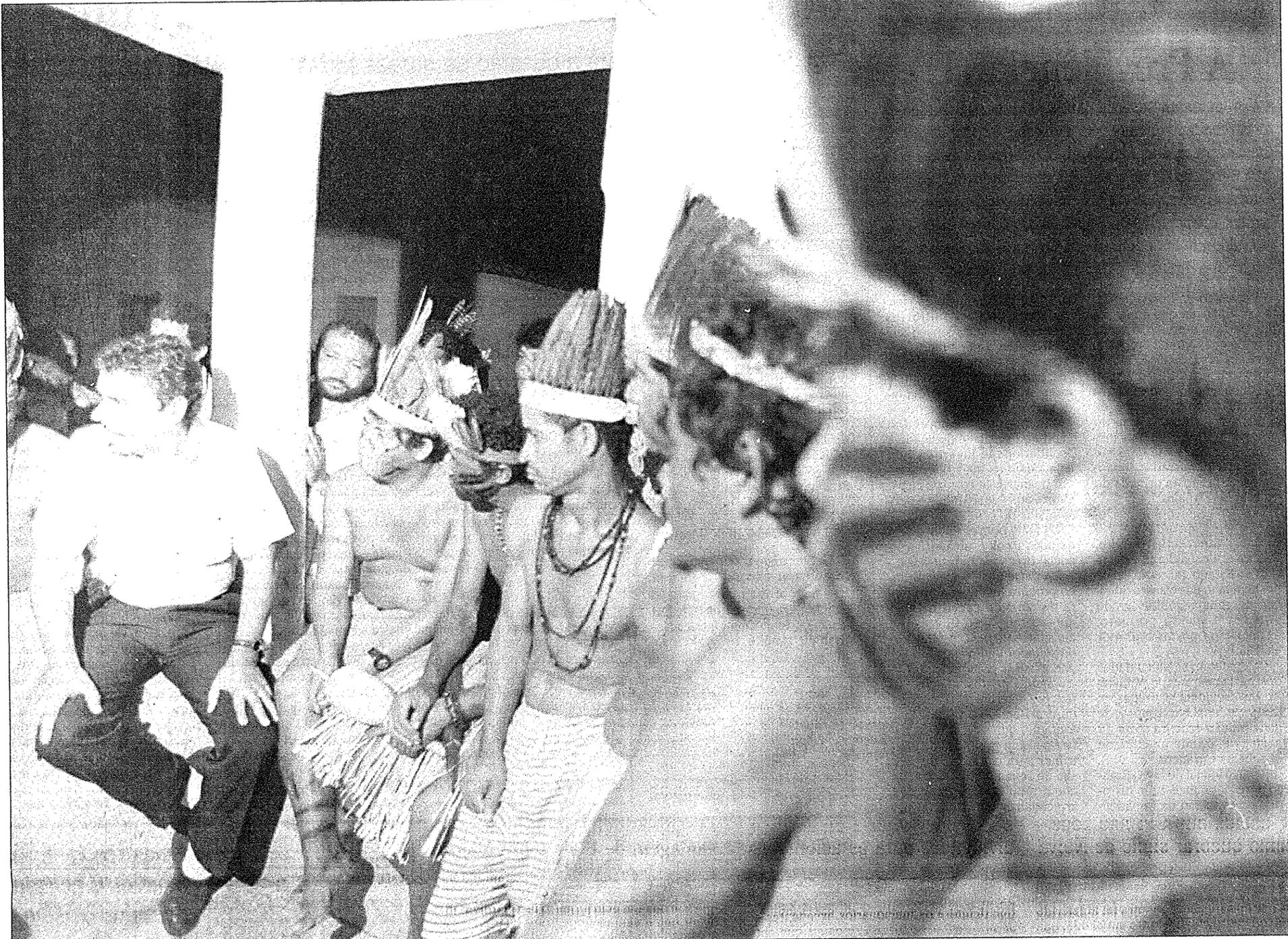
taxós, que estavam armados com arcos, flechas e tacapes. À noite, com a chegada de sete agentes da PF, Geiger foi solto.

A polícia de Brasília está convencida de que o assassinato do índio Galdino dos Santos foi planejado pelos cinco criminosos. Está sendo procurado agora um sexto rapaz, de nome Otávio, que esteve com o grupo na madrugada do crime. A delegada Suzana Machado disse que o depoimento do único menor entre os assassinos demonstra que o assassinato foi premeditado.

Páginas 3 a 8

**SELVAGERIA: Presidente da Funai, usado como escudo em ocupação pacífica, anuncia plano de assistência à aldeia**

Roberto Stuckert Filho



O PRESIDENTE DA FUNAI, Julio Geiger, conversa com um grupo de pataxós hã-hã-haeh, tribo que há 15 anos briga na Justiça pela posse de 36 mil hectares de terra: ele acabou virando trunfo para ocupação na marra, porém pacífica

# Pataxós invadem cinco fazendas

Retomada de terras da reserva já fora garantida pela Justiça, mas não oficializada

Ana Paula Macedo

Enviada especial • PAU BRASIL (BA)

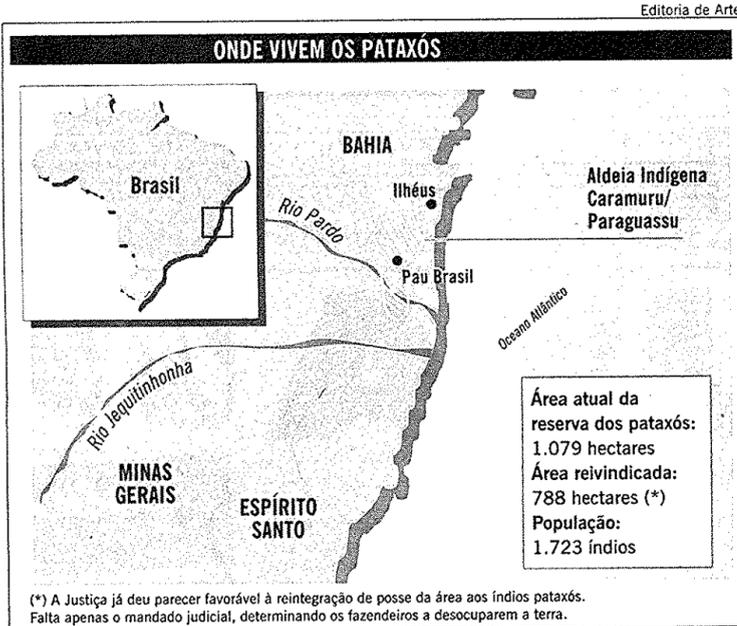
**P**assada a comoção pela morte do índio Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo por jovens de Brasília, os pataxó hã-hã-haeh partiram para a ação e ocuparam, sem ordem judicial, cinco fazendas de 788 hectares instaladas na reserva Caramuru-Catarina-Paraguassu. Os índios perderam a paciência com a lentidão da Justiça e da Funai no cumprimento de uma decisão do Tribunal Regional Federal (TRF), de dezembro do ano passado, que garantiu a entrada na área. O presidente da Funai, Júlio Geiger, retido pelos índios desde a véspera na aldeia, foi usado como uma espécie de escudo, o grande trunfo para que a ocupação fosse realizada de forma pacífica e sem reação dos fazendeiros. À noite, com a chegada de sete agentes da Polícia Federal à reserva — uma exigência dos índios — Geiger foi liberado. E anunciou que o Governo federal vai lançar um plano assistencial de emergência para garantir recursos que melhorem as condições de vida dos pataxós, inclusive nas novas áreas ocupadas.

## Advogado vai tentar hoje agilizar despacho de juiz

O deputado Alcides Modesto (PT-BA), que serviu como intermediário entre os índios e a Funai, e o advogado Valdir Farias de Mesquita, advogado dos Pataxós, vão hoje tentar que o juiz federal Antônio Ezequiel, de Ilhéus, dê logo um despacho oficializando a permanência dos índios na fazenda.

— Se você sair daqui vai ser muito difícil a gente conseguir a terra — disse o cacique Wilson de Jesus Souza a Geiger, para justificar sua retenção na área.

Carregando bordunas, arcos e flechas, os índios começaram a ocupação pela Fazenda Paraíso. A última vez que ocuparam a fazenda foi em 1993. Os pataxós acabaram retirados da área por



190 PMs. Depois da Paraíso, seguiram para São Sebastião, Bom Jesus, Nova Vida 1 e Nova Vida 2. A notícia se espalhou rapidamente pela região e, à medida em que iam tomando conhecimento da ação dos índios, os próprios empregados da fazenda se encarregavam de retirar o máximo possível de móveis e utensílios. As ocupações ocorreram sem incidentes.

Os 788 hectares ocupados ontem são apenas uma pequena parte da área reclamada pelos pataxós hã-hã-haeh, que há 15 anos brigam na Justiça pela posse de 36 mil hectares de terra. A decisão de invadir as cinco fazendas foi tomada pelo conselho dos líderes da aldeia, depois de uma fracassada reunião reservada com Geiger. Os índios queriam que o presidente da Funai garantisse a imediata posse da área. Diante da falta de resultados, os índios optaram por to-

mar eles próprios a terra de volta, surpreendendo o próprio Júlio Geiger.

— Não se trata de concordar ou não. Se eu não estivesse aqui, fariam de qualquer jeito. É uma decisão da comunidade. Só a história vai dizer se eles estão agindo certo ou não — resignou-se o presidente da Funai.

Naquele momento já estava há 15 horas na aldeia, “a convite” dos índios, que na verdade não lhe deram qualquer opção de escolha. Geiger, tentando aparentar tranqüilidade, dizia não estar como refém dos índios. Mas o cacique Wilson, embora também tratasse a permanência de Geiger na aldeia de forma polida, falava da situação num outro tom:

— Quem sugeriu a permanência dele (Geiger) foram os índios. Ele aceitou. Até porque não tinha outro jeito — ressaltou o cacique, ainda na noite de terça-feira.

O deputado Alcides Modesto, membro da Comissão de Direitos da Câmara, designado para acompanhar a negociação, também foi retido pelos pataxós, após a reunião. Modesto, que chegara de manhã à aldeia, preferiu não comentar a decisão da tribo.

— Eu me solidarizo, mas não entro no mérito — limitou-se a dizer.

Enquanto o conselho deliberava sobre a ocupação, os pataxós realizavam rituais de protesto. Como no enterro de Galdino, ocorrido na véspera, os índios estavam com os corpos pintados para guerra, só que desta vez na cor vermelha. Depois da decisão dos líderes, a entrada da reserva foi fechada pelos índios, com correntes e pedaços de pau. Todos foram proibidos de deixar a área, inclusive os jornalistas.

## Índios exigiram a presença da Polícia Federal

Os índios exigiram que a Polícia Federal fosse acionada para garantir a segurança dos integrantes da comunidade. Para essa negociação, apenas o administrador-regional da Funai, João Pinheiro Alves, e assessor de imprensa de Geiger, jornalista Antônio Carlos, foram autorizados a seguir até a cidade de Pau Brasil, situada a quatro quilômetros da aldeia.

Logo nos primeiros contatos surgiu uma dificuldade. Ontem era feriado em Ilhéus, distante 157 quilômetros da aldeia, e a Polícia Federal funcionava em esquema de plantão. Só seria possível destacar três policiais. O Ministério da Justiça foi então contactado e autorizou a convocação de uma guarnição da PF de Salvador. No fim da tarde as equipes começaram a chegar a Pau Brasil. A presença da PF era a condição imposta pelos índios para a liberação de Geiger e do deputado Modesto.

A entrada só foi reaberta às 12h30m, depois que os índios acertaram a estratégia de ocupação. Escolheram a Fazenda Paraíso como a primeira a ser inva-

dida. A opção tinha uma justificativa: o dono da Paraíso, Marcos Vinicius Gaspar Guimarães, é considerado pelos índios um dos fazendeiros mais truculentos da região. Temia-se um conflito e os índios, então, se valeram da presença de Geiger.

## Entrada de pataxós em fazenda foi pacífica e rápida

Cerca de cem pataxós percorreram a pé o percurso de quatro quilômetros até a fazenda. Na frente, Geiger e Modesto acompanhavam os líderes da aldeia, na caminhada de aproximadamente uma hora. A partir daquele momento foi a vez de a estrada ser bloqueada.

A entrada dos pataxós foi rápida. Geiger demorou-se um pouco para acompanhá-los e os índios entenderam o comportamento do presidente da Funai como uma tentativa de despiste. Foram então buscá-lo.

— A partir de agora, corram até o juiz e peguem o mandado — aconselhou o presidente da Funai a seus assessores.

Em grupos, os índios arrombaram as portas com bordunas e quebraram janelas da sede, mas não entraram no imóvel. Ampla, a casa tem cinco quartos, duas salas, cozinha, banheiro e conta com todos os eletrodomésticos, inclusive televisão e antena parabólica. Por decisão do conselho da aldeia, os pataxós só entrarão nas casas após um inventário da PF. Não querem ser acusados por furto.

— Amanhã vamos começar a plantar arroz aqui — anunciou o cacique.

A ocupação foi pacífica. Os donos da Paraíso não estavam na área. Apenas três funcionários foram surpreendidos no local e liberados: José Nunes da Silva, de 45 anos, colhedor de cacau; Arnaldo Oliveira, de 23 anos, que chegara há apenas oito dias para capinar a área; e Saturnina da Silva, de 13 anos. ■

• UMA VISITA TRANSFORMADA EM 24 HORAS DE TENSÃO na página 4

CAUSA INDÍGENA: Apesar das evidências, Geiger nega que tivesse sido seqüestrado

# Uma visita transformada em 24 horas de tensão para o presidente da Funai

'Queremos solução para a questão de nossas terras', anuncia o cacique Wilson

Ana Paula Macedo

Enviada especial

• PAU BRASIL (BA). Era para ser só uma visita de solidariedade. Mas ao chegar à reserva indígena Caramuru-Catarina-Paraguassu, o presidente da Funai, Júlio Geiger, foi advertido pelo líder dos pataxó, cacique Wilson de Jesus Souza, que a comunidade esperava dele muito mais do que pêsames pela morte de Galdino, que fora sido enterrado quase duas horas antes. Foi o início de quase 24 horas de tensão entre os índios e o presidente da Funai, obrigado a permanecer na reserva, cercado por índios com bordunas e pintados para a guerra. À noite, Geiger telefonou da Casa Paroquial de Pau Brasil para o ministro interino da Justiça, Milton Seligman, dizendo que estava bem, liberado e que voltaria hoje de manhã para Brasília. Curiosamente, Geiger levou para a reserva o livro que está lendo: "Notícia de um seqüestro", de Gabriel García Marquez.

## Geiger nega o seqüestro e garante que não quis ir embora

— Isso prova que se não sei sempre para onde estou indo, pelo menos tenho uma intuição — disse ele à noite, negando o seqüestro e garantindo que só não saiu antes da reserva indígena porque não quis. Sem roupa extra, Geiger passou a noite com a calça e o sapato enlameados.

— Ele tentou enganar a comunidade e por isso foi preso mesmo. Não confiamos mais no presidente da Funai — deixou claro o líder Gerson Pataxó, que ontem

estava em Brasília. Segundo Gerson, 13 líderes pataxós já foram assassinadas por pistoleiros nos últimos anos e a Funai nada fez.

Já na noite de terça-feira, Geiger recebeu um recado duro:

— Queremos solução para a questão de nossas terras — anunciou o cacique Wilson de Jesus.

Naquele momento, Geiger soube que não estaria presente na reunião marcada para a manhã

de ontem, no Ministério da Justiça, para tratar de problemas relativos a índios do Maranhão. Só não sabia que se tornaria hóspede forçado dos pataxós.

— Vim preparado para uma noite de sono em algum lugar — disse Geiger ainda na terça-feira, após o ultimato dos índios para que ficasse na aldeia até que seu problema fosse solucionado.

Na primeira noite, a pressão,

embora já existisse, não foi tão contundente. Os índios já davam sinais que poderiam partir para a ocupação dos 788 hectares que reivindicam, mas Geiger ainda acreditava que contornaria a situação. Depois, chegou a passear pela cidade de Pau Brasil, a quatro quilômetros da aldeia. E jantou com os índios uma quentinha de um restaurante da cidade.

— Queremos que o presidente se sinta à vontade aqui — disse o cacique, ainda bastante cordial. Mas na manhã seguinte, depois da decisão de ocupar as fazendas, o tom do cacique era outro:

## Presidente da Funai visita o túmulo de Galdino

— O presidente da Funai fica até resolver uma coisa concreta. Se não resolver, vai ficando.

Mesmo impedido de sair da aldeia, Geiger negava sua condição de refém. E tentava agir naturalmente. Ainda antes da primeira reunião com os pataxós, visitou o túmulo de Galdino, enfeitado por dezenas de velas, flores e uma bandeira deixada por integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que acompanharam o enterro.

Ontem de manhã, após passar a noite no posto da Funai, acordou às 8h. Arrumou-se para a nova rodada de negociação, depois da qual acreditava que voltaria para Brasília. Chegou a dar uma volta com líderes para conhecer a reserva. A partir daquele momento, no entanto, já não tinha autorização para sair da área. ■

COLABOROU Leandro Fortes

## Presidente da Funai é o Jungmann dos índios

Caciques querem Geiger longe do órgão

• O advogado gaúcho Júlio Marcos Gertany Geiger, presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), está para os índios mais ou menos como o ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann, está para os sem-terra. Nenhum dos dois é exatamente benquisto pelos maiores interessados na resolução dos problemas das áreas em que atuam. Assim como o MST volta e meia pede a cabeça de Jungmann, o mesmo ocorre com os índios em relação a Geiger.

Geiger foi nomeado em março do ano passado. Era amigo do então ministro da Justiça, Nelson Jobim, e visto como um dos inspiradores do polêmico decreto 1.775, que possibilita aos proprietários rurais contestarem na Justiça a demarcação das áreas indígenas. Em outubro de 1996 Geiger ficara refém de 20 xavantes durante 20 minutos na sede da Funai. Na ocasião, o cacique Lauro, da aldeia Boa Vista, em Mato Grosso, não poupou Geiger:

— Júlio é moleque, ladrão e contrabandista — xingou.

O cacique xavante Aniceto foi fotografado sentado à mesa do presidente da Funai, ameaçando só deixar o local com a substituição de Geiger. No mês passado, no último dia da Conferência Rio + 5, caciques xavantes e bororós entregaram um documento ao presidente Fernando Henrique Cardoso criticando as medidas em estudo na Funai e pedindo a demissão de Geiger.

## Geiger corta diárias e índios o acusam de autoritarismo

Crise entre presidente da Funai e os pataxós começou ano passado

• BRASÍLIA. A crise que envolve o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Geiger, e os índios Pataxó tem origens mais antigas do que a morte do cacique Galdino de Jesus Santos. Geiger é mentor de plano de reestruturação que prevê o fechamento de administrações regionais da Funai, enxugamento de pessoal e fim de muitas das regalias, como o pagamento de diárias para os índios que iam para Brasília.

Até junho do ano passado, a Funai tinha uma estranha tabela de pagamento para estadia e trânsito de índios em Brasília: R\$ 250 para caciques, R\$ 200 para "vice-caciques", e de R\$ 50 a R\$ 100 para guerreiros. Um funcionário do órgão lembra que, por causa disso, os índios chegavam a levar nove acompanhantes a cada viagem à capital. Assim, a Funai gastava, por mês, cerca de R\$ 300 mil com esse tipo de pagamento.

Da parte dos índios, Geiger é acusado de autoritário e vaidoso. Ano passado, chegou a ser agredido e, em represália, permitiu a entrada da PF, no mês passado, para retirar — a força — representantes da mesma tribo que haviam ocupado seu gabinete.

Alia-se a isso a disposição de Geiger de modificar estrutura que abriga, entre seus 3.718 funcionários, 1.050 índios-servidores.

O presidente do órgão também comprou uma briga com os servidores que trabalham nas administrações regionais que não podem mais usar um velho procedimento burocrático para gastar mais: lançar mão das chamadas "despesas emergenciais" sem justificativa prévia. Por ordem de Geiger, as emergências terão que ser submetidas ao conceito da lei antes de liberadas.

O ex-ministro da Justiça, Nelson Jobim, deu carta branca para Geiger implementar seu plano de reestruturação porque, com base nas informações passadas por ele, foi convencido de que a política indigenista está obsoleta. ■

09/09/97  
24/4/97 cont.  
541

**SELVAGERIA: Escritor pede que FH lidere cruzada contra sucessão de atos violentos**

# Jorge Amado lembra que sua bisavó era uma pataxó e repudia onda de brutalidade

'Meu sentimento é de revolta. Temos que nos unir contra essas barbaridades'

Divulgação/27-3-97

Waldomiro Júnior

SALVADOR. Após revelar que sua bisavó era uma índia pataxó, o escritor Jorge Amado, de 84 anos, revoltado com o assassinato do índio Galdino de Jesus Santos, queimado vivo por um grupo de jovens classe da média alta de Brasília, conclamou o presidente Fernando Henrique Cardoso a liderar uma cruzada nacional contra a violência, com a participação de toda a sociedade.

— Fernando Henrique, que é um homem culto e um democrata, deve tomar a frente desse movimento contra uma violência que já passou dos limites — disse o escritor ao deixar o hospital onde na última segunda-feira foi submetido a uma cirurgia para o implante de um marcapasso no coração.

Jorge Amado revelou que a sua mãe costumava lhe contar que a origem da família era indígena. A bisavó do escritor — de quem não sabe o nome — era um índia pataxó, capturada ainda criança nas matas do Sul da Bahia por um caçador português, que a obrigou a se casar com ele, e que aos 11 anos teve o primeiro filho.

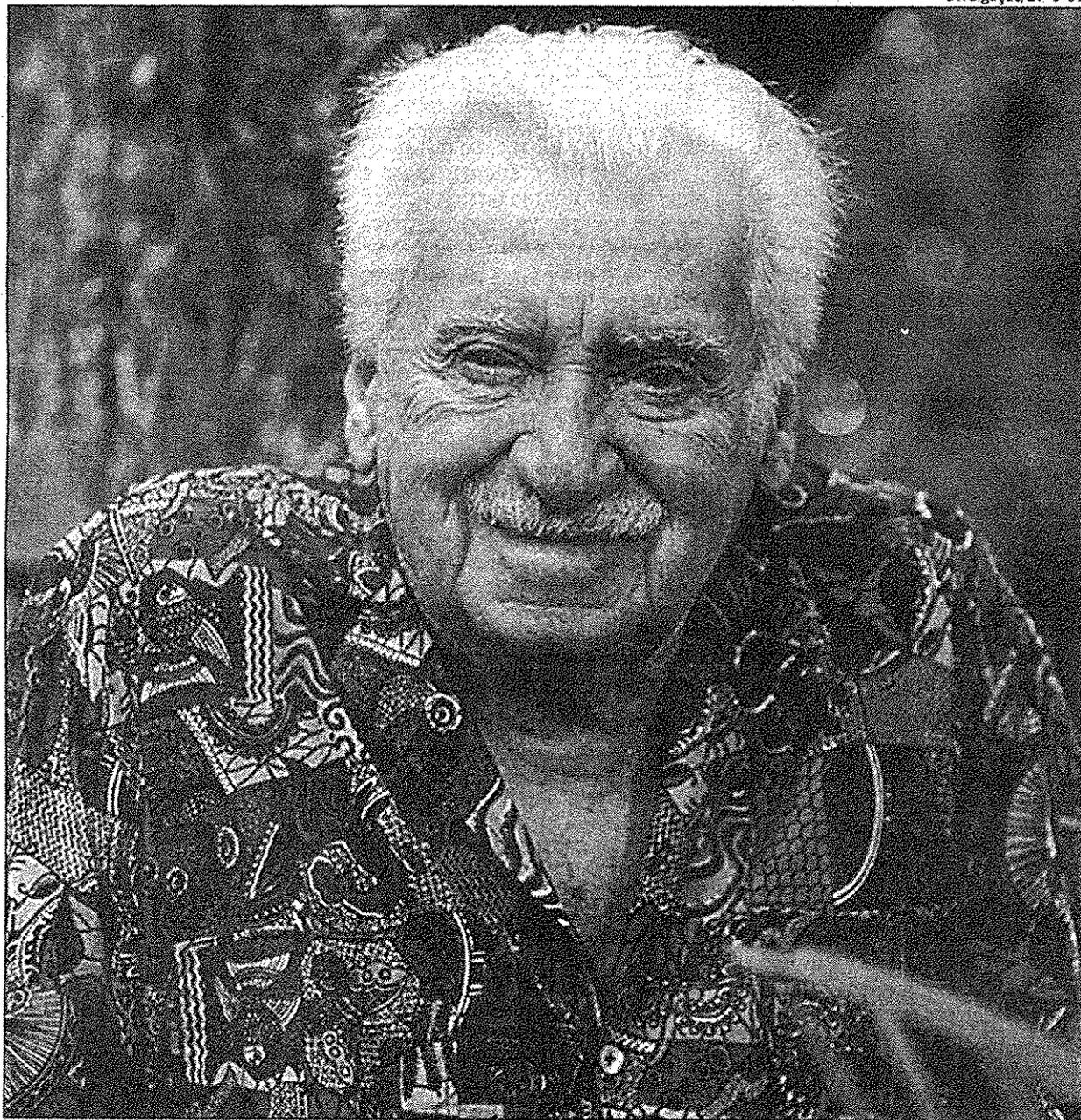
— Minha mãe dizia que a minha bisavó foi caçada no mato a dente de cachorro — contou o escritor.

## Escritor está revoltado com a onda de violência gratuita

A sua revolta, segundo Jorge Amado, não está relacionada à sua descendência indígena. Ele explicou que estava indignado com a violência gratuita, tornada pública desde a revelação das ações violentas de policiais militares em Diadema e no Rio e com o assassinato do índio pataxó em Brasília.

— No caso dos policiais, o meu temor é o de que eles acabam impunes e sejam até mesmo promovidos — disse o escritor.

Em relação ao assassinato do índio Galdino de Jesus, o escritor considera que a repercussão internacional do caso será ainda maior, exatamente por se tratar do representante de uma parcela



JORGE AMADO, lembrando suas origens: 'Minha mãe dizia que a minha bisavó foi caçada a dente de cachorro'

da população historicamente exposta à violência. E comparou os jovens brasilienses que atearam fogo no índio a um bando de delinquentes.

— O meu sentimento é de absoluta revolta. Todos temos que nos unir, nos mobilizar contra essa onda de barbaridades — disse Jorge Amado.

O escritor, que ficou internado durante três dias, deixou o hospital às 10h de ontem. A cirurgia para o implante do marcapasso foi considerada um êxito pelos médi-

cos.

Mas Jorge Amado revelou que já não tem mais condições físicas para redigir e que, de agora em diante, em vez da máquina de escrever ou do computador, vai ditar o texto dos seus livros.

— Não tem nada a ver com o coração, mas com os problemas que enfrento de visão — explicou o escritor, que há vários anos vem se submetendo a um tratamento oftalmológico.

Ele acha que não vai ser difícil se adaptar à mudança, citando

como exemplo seu primo Gilberto Amado, que também tem problemas de visão, e que durante anos ditou os seus textos e publicou diversos livros, a maioria delas biografias.

Jorge Amado já está inclusive planejando o seu próximo livro, tendo como tema aparições de Nossa Senhora e ambientado nos estados de Sergipe e Alagoas. Ele acha que o novo projeto, pelo menos por enquanto, aposenta "Boris, o vermelho", que ele já começou a rascunhar. ■